

OLGA
LENGYEL

OS
FORNOS
DE
HITLER

CRÍTICA

Tradução

Céline Portocarrero e
Thereza Christina Motta

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Ziff-Davis Publishing Co., 1947

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Hitler's ovens*

Preparação: Ana Tereza Clemente

Revisão: Juliana de A. Rodrigues e Carmen T. S. Costa

Diagramação: Triall Editorial

Capa: André Stefanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lengyel, Olga

Os fornos de Hitler / Olga Lengyel ; tradução de Celina Portocarrero, Thereza Christina Motta. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

240 p.

ISBN: 978-85-422-1428-4

Título original: *Hitler's ovens*

1. Lengyel, Olga, 1908-2001 - Autobiografia 2. Auschwitz (Campo de concentração) 3. Holocausto judeu (1939-1945) 4. Segunda Guerra, 1939-1945 – Judeus – Narrativas pessoais 5. Sobreviventes do Holocausto – memórias autobiográficas I. Título II. Portocarrero, Celina III. Motta, Thereza Christina

18-1470

CDD 940.5318092

Índices para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu (1939-1945) - Narrativas pessoais

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

*Dedicado à memória dos meus pais e meu marido,
meu padrinho, meus filhos e meus companheiros
dos campos de concentração de Hitler
durante a Segunda Guerra Mundial que,
silenciados para sempre,
estão praticamente esquecidos.*

– 1959 –

CRÍTICA

CRÍTICA

De uma carta de Albert Einstein para Olga Lengyel:

*Obrigado pelo seu livro muito honesto e muito bem escrito.
Você prestou um belo serviço ao dar voz àqueles que hoje
estão em silêncio e praticamente esquecidos.
Com meus melhores votos,*

A. Einstein

CRÍTICA

SUMÁRIO

1. Oito cavalos – ou 96 homens, mulheres e crianças.....	11
2. A chegada.....	23
3. Barracão 26.....	35
4. Primeiras impressões.....	39
5. Chamada e “seleções”.....	49
6. O campo.....	55
7. Uma proposta em Auschwitz.....	61
8. Sou condenada à morte.....	67
9. A enfermaria.....	71
10. Uma nova razão para viver.....	81
11. “Canadá”.....	93
12. O necrotério.....	99
13. O “anjo da morte” <i>versus</i> o “grande selecionador”.....	107
14. “Organização”.....	113
15. Nascimentos malditos.....	117
16. Pequenos detalhes da vida por trás do arame farpado.....	121
17. Os métodos e as suas loucuras.....	133
18. Nossas vidas pessoais.....	149
19. As bestas de Auschwitz.....	157
20. A Resistência.....	171
21. “Paris foi libertada”.....	181
22. Experiências científicas.....	189
23. Amor à sombra do crematório.....	199

24. No caminhão da morte.....	209
25. Diante do desconhecido	213
26. Liberdade	219
27. Ainda tenho fé.....	229
<i>Glossário</i>	235

CRÍTICA

OITO CAVALOS – OU 96 HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS

Mea-culpa, minha culpa, mea maxima culpa! Não sou capaz de me absolver da acusação de que fui, em parte, responsável pela morte dos meus pais e dos meus dois filhinhos. O mundo compreende que eu não poderia ter adivinhado, mas, em meu coração, persiste o terrível sentimento de que eu poderia, de que eu deveria, tê-los salvado.

Estávamos em 1944, quase cinco anos após Hitler ter invadido a Polônia. A Gestapo dava ordens por toda parte e a Alemanha engordava com o saque do continente, pois dois terços da Europa estavam sob as garras do Terceiro Reich. Vivíamos em Cluj,¹ uma cidade de 100 mil habitantes, capital da Transilvânia. Pertencera antes à Romênia, mas a Arbitragem de Viena de 1940² a transferiu para a Hungria, também um dos países satélites da Nova Ordem. Os

1. Era assim que os alemães chamavam a cidade de Klausenburg; os húngaros, que a governavam antes de 1918, conheciam-na como Kolozsaur.
2. A Segunda Arbitragem de Viena consistiu em um acordo territorial através da mediação e pressão da Alemanha nazista e da Itália fascista, em 30/08/1940, entre Hungria e Romênia, que reassegurou a posse do território do norte da Transilvânia, da Romênia para a Hungria, como resultado do Tratado de Triannon no pós-Primeira Guerra Mundial, sancionado em 1920, e que despojou a Hungria de cerca de 70% do seu território. (N.T.)

alemães eram os senhores naquele tempo e, embora ninguém ousasse alimentar a esperança, sentíamos que – não, rezávamos para que – o dia do acerto de contas não demorava a chegar. Enquanto isso, tentávamos sufocar nossos medos e seguir com as tarefas diárias, evitando, sempre que possível, qualquer contato com eles. Sabíamos que estávamos à mercê de homens – e também de mulheres, como descobrimos depois – implacáveis, mas ninguém poderia nos fazer acreditar quão verdadeiramente impiedosos eles eram.

Meu marido, Miklos Lengyel, era diretor de seu próprio hospital, a Clínica do Dr. Lengyel, uma moderna instituição de dois andares e setenta leitos, que havíamos construído em 1937. Ele se formou em Berlim, onde dedicou muito tempo a clínicas de caridade. Agora se especializara em cirurgia geral e ginecologia. Extremamente habilidoso e dedicado à sua ciência, era muitíssimo respeitado. Não era um homem político, embora compreendesse muito bem que estávamos em meio a um turbilhão e corríamos um perigo constante. Não tinha tempo para outras ocupações. Com frequência, atendia 120 pacientes em um só dia e ficava em cirurgia até altas horas da madrugada. Mas Cluj era uma comunidade próspera, e nos orgulhávamos de dirigir um de seus principais hospitais.

Eu também me dedicava à medicina. Cursara a Universidade de Cluj e me qualificara para ser a primeira assistente cirúrgica de meu marido. Na verdade, eu o ajudara a concluir o novo hospital, levando para o seu interior o amor feminino pelas cores e, assim, decorando as instalações de acordo com a última moda. Entretanto, mesmo tendo uma carreira, sentia maior orgulho de minha pequena família, pois tínhamos dois filhos, Thomas e Arvad. Ninguém, eu acreditava, poderia ser mais feliz do que nós. Meus pais viviam conosco, bem como meu padrinho, o professor Elfer Aladar, famoso clínico-geral que fazia pesquisas sobre câncer.

Os primeiros anos da guerra foram relativamente calmos para nós, embora ouvíssemos, com pavor, os intermináveis relatos das vitórias do Reichswehr.³ Enquanto os alemães devastavam cada vez

3. O conjunto das forças armadas alemãs, entre 1919 e 1935, posteriormente rebatizadas de Wehrmacht. (N.T.)

mais territórios, reduzia-se o número de médicos e, sobretudo, de cirurgiões competentes a serviço da população civil. Meu marido, embora fosse prudente e bastante circunspecto, não se esforçou para ocultar a esperança de que a causa da humanidade não fosse de todo vencida. Naturalmente, só falava com liberdade entre pessoas de confiança, mas almas corruptíveis espreitavam em todos os círculos, e nunca se sabia quem seria o próximo informante. No entanto, as autoridades em Cluj o deixavam em paz.

No inverno de 1939, tivemos uma ideia do que acontecia em terras ocupadas pelos nazistas. Nessa ocasião, demos abrigo a inúmeros refugiados poloneses que haviam fugido de suas casas depois que seus exércitos foram cercados. Escutávamos, nos solidarizávamos com eles e prestávamos ajuda. Não conseguíamos, porém, dar crédito a tudo o que ouvíamos. Aquelas pessoas estavam exaustas e preocupadas, poderiam estar exagerando.

Até 1943, chegavam-nos notícias aterradoras das atrocidades cometidas nos campos de concentração na Alemanha. Mas, como muitos dos que hoje leem a respeito, não conseguíamos acreditar em histórias tão horríveis. Ainda víamos a Alemanha como uma nação que dera muita cultura ao mundo. Se aqueles relatos fossem verdadeiros, os atos vergonhosos deviam ser obra de um punhado de loucos; aquela não poderia ser a política nacional, nem fazer parte de um plano visando ao domínio global. Quão pouco compreendíamos!

Mesmo quando um major alemão da Wehrmacht, que se alojou em nossa casa, nos falou da névoa de terror que seu país lançara sobre a Europa, não conseguimos aceitar. Não se tratava de um ignorante, por isso me convenci de que quisesse nos assustar. Tentávamos viver sem muito contato com ele, até que certa noite ele pediu para se juntar a nós. Parecia só querer conversar, mas quanto mais falava, mais amargura vertia. Por toda parte, declarou, as pessoas subjugadas o encaravam com olhos cheios de ódio. E de sua família, em casa, só recebia queixas de que não enviava dinheiro suficiente! Outros soldados rasos e oficiais mandavam para casa muito mais joias, roupas, objetos de arte e alimentos.

Fui obrigada a ouvir. O que me impressionou foi a profunda aversão por si mesmo, manifesta quando descreveu suas tropas marchan-

do em estradas flanqueadas por corpos balançando nas forcas. Eu poderia jurar que ele estava louco ou bêbado, mesmo não sendo o caso. Ele nos falou sobre furgões motorizados construídos expressamente para envenenar os prisioneiros com gás. Falou de grandes campos dedicados exclusivamente ao extermínio de minorias civis, aos milhares. Eu me arrepiei. Como alguém poderia crer em histórias tão fantásticas?

Tivemos algumas experiências alarmantes em Cluj e, ao refletir agora, sei que qualquer uma delas deveria ter sido considerada um aviso. A mais grave ocorreu no início de 1944. Um dia, meu marido foi chamado à delegacia de polícia para interrogatório pela temida SS. Estava sendo acusado, especificamente, de boicotar o uso de preparações farmacêuticas alemãs em sua clínica.

Representantes da empresa alemã Bayer, muitos dos quais eram, secretamente, membros da SS, moviam-se com liberdade pela Transilvânia em benefício próprio, visando a uma expansão maior da empresa. Haviam montado uma rede de espionagem, e um homem, dono de um grande hospital e com possibilidade de não ser amigo do Terceiro Reich, seria um alvo fácil.

Por sorte, o dr. Lengyel foi capaz de apresentar uma explicação plausível, e a SS o liberou. Em conversa privada, concordamos que o interrogatório fora fruto de uma denúncia. Chegamos mesmo a ter certeza de que fora um colega invejoso responsável por aquilo.

Esse episódio deveria nos ter preparado para o que aconteceria depois. Mas não podíamos imaginar com que astúcia os senhores alemães elaboravam seus planos. Eles lançavam mão de muitas armadilhas, mas queriam obter uma grande recompensa pelo trabalho executado.

Na primeira semana de maio, o dr. Lengyel foi mais uma vez intimado a comparecer à delegacia de polícia. Fiquei apreensiva no instante em que ele saiu da clínica. Como demorou a voltar, fui perguntar por ele. Como se estivesse num sonho, recebi a notícia de que ele seria deportado para a Alemanha *imediatamente*.

Desesperada, busquei mais informações. Tudo o que consegui apurar foi que seria mandado para lá de trem dentro de uma hora.

Naquele momento, o que passou pela minha cabeça foi que meu marido era um cirurgião renomado. Havia, sem dúvida, escassez de médicos na Alemanha. Ele seria colocado para trabalhar em algum hospital, ou em uma clínica metropolitana. Perguntei onde, e só obtive como resposta um encolher de ombros. Indaguei se as autoridades permitiriam que eu o acompanhasse. O oficial da SS declarou, com brandura, que não se oporia. Se eu quisesse ir, seria bem acolhida. Insinuaram até que não havia o que temer. Assim, com poucas palavrinhas, me acalmaram, e até me incentivaram.

Tomei uma decisão no mesmo instante. Enfrentaríamos dificuldades, a vida agradável que tínhamos poderia deixar de existir por alguns anos, mas a separação seria ainda pior. A guerra poderia durar meses, anos. As linhas de frente estavam sempre mudando, e poderíamos ficar isolados um do outro para sempre. Se fôssemos juntos, teríamos ao menos a certeza de um destino comum. No futuro, bem como no passado, meu lugar era ao lado do meu marido.

Como se mostrou fatal aquele movimento que fiz com tanta determinação! Porque, antes de decorrer uma hora, eu seria a autora da desgraça dos meus pais e também dos meus filhos. Porque meus pais tentaram me convencer a ficar.

“Afinal”, contemporizou meu pai, que fora diretor de minas de carvão na Transilvânia, “se seu marido fosse chamado para as fileiras como soldado, decerto você não poderia acompanhá-lo.”

Insisti. Afinal, não tínhamos recebido garantias de um oficial alemão de que não havia perigo?

Não tínhamos tempo para discussões. A hora estava quase esgotada. Ao ver que não me dissuadiriam, meus pais decidiram nos acompanhar. E, é claro, não poderíamos deixar as duas crianças para trás. Às pressas, colocamos numa valise alguns objetos de valor e os habituais artigos de viagem, chamamos um táxi e corremos ao encontro do meu marido. Ele estava detido na prisão municipal.

Não fazíamos ideia da traição de que fôramos vítimas até estarmos todos reunidos na plataforma da estação ferroviária. Descobrimos, então, que inúmeros vizinhos e amigos também estavam ali. Muitos outros tinham sido presos da mesma maneira e as famílias

foram encorajadas a acompanhá-los. Ainda não parecia por demais alarmante. Os alemães eram criteriosos. Aplicaram a mesma técnica. Por quê? Estávamos confusos, perplexos, com o coração pesado, mas não havia a quem perguntar. De repente, soubemos que toda a estação estava cercada por centenas de soldados. Alguém expressou a vontade de voltar atrás, mas a falange de sentinelas mal-encarados tornava isso impossível. Agarramos nossas mãos, e tentamos nos manter calmos, pelo bem das crianças.

Pairava um ar de pesadelo. Nos trilhos, um trem interminável aguardava. Nenhum carro de passageiros e, sim, vagões de gado, cada um abarrotado com candidatos à deportação. Nós olhávamos para eles. As pessoas, amedrontadas, chamavam-se pelos nomes. Placas nos vagões indicavam os lugares de origem: Hungria, Iugoslávia, Romênia – só Deus sabia de onde teria partido aquele trem.

Protestar era inútil. Chegara a nossa vez. Os soldados começaram a se aproximar e a nos empurrar. Fomos tangidos como ovelhas e constrangidos a entrar num vagão de gado vazio. Só tentamos nos manter juntos, enquanto estávamos sendo embarcados. Então, a única porta se fechou atrás de nós. Não lembro se choramos ou gritamos. O trem se pôs a caminho.

Noventa e seis pessoas se amontoavam em nosso vagão, incluindo várias crianças espremidas entre as malas – a mísera e parca bagagem que só continha o que fosse mais precioso ou útil. Noventa e seis homens, mulheres e crianças, num espaço que acomodaria apenas oito cavalos. E isso não era o pior.

Estávamos tão apinhados que a metade não podia se sentar. Comprimidos, meu marido, meu filho mais velho e eu, ficamos de pé, para dar espaço ao meu pai. Ele fora submetido a uma cirurgia grave pouco tempo antes e precisava descansar.

Após a primeira e segunda hora, percebemos que os mais simples detalhes existenciais seriam extremamente complicados. Instalações sanitárias estavam fora de questão. Por sorte, várias mães tiveram a boa ideia de trazer urinóis para os pequenos. Com um lençol fazendo as vezes de cortina, isolamos um dos cantos do vagão. Podíamos esvaziar os urinóis pela única janela estreita, mas não tínhamos água para

lavá-los. Pedimos ajuda, mas não houve resposta. O trem avançava – rumo ao desconhecido.

Enquanto o dia sem fim se arrastava, o vagão ia aos solavancos, e todas as forças da natureza conspiravam contra nós. Um sol tórrido aquecia as paredes, até o ar se tornar sufocante. O interior estava praticamente escuro, pois a luz do dia, que se filtrava através da minúscula janela, somente iluminava aquele canto. Passado algum tempo, concluímos que seria melhor assim. O cenário tornava-se cada vez menos atraente.

Os viajantes eram, na maioria, pessoas cultas e de bom nível em nossa comunidade. Muitos eram médicos judeus, ou profissionais liberais, que levavam junto membros de suas famílias. No início, todos tentaram, apesar do terror em comum, ser corteses e solícitos. Mas, à medida que as horas se arrastavam, o verniz da polidez foi trincando. Logo houve incidentes e, mais tarde, sérias discussões. Assim, pouco a pouco, a atmosfera se envenenava. As crianças choravam, os doentes gemiam, os velhos se lamentavam. E até mesmo aqueles que, como eu, estavam em perfeitas condições de saúde começaram a prestar atenção em seu próprio desconforto. A viagem era incrivelmente sombria e mórbida e, embora o mesmo pudesse ser dito sobre os demais compartimentos do trem e, na verdade, dos incontáveis trens vindos de todos os cantos da Europa – França, Itália, Bélgica, Holanda, Polônia, Ucrânia, Balcãs e países do mar Báltico – movendo-se em direção ao mesmo destino desumano, só sabíamos dos nossos próprios problemas.

Logo a situação se tornou intolerável. Homens, mulheres e crianças, histéricos, disputavam cada centímetro quadrado. Quando caiu a noite, perdemos qualquer noção de comportamento humano, e as brigas aumentaram até o vagão se transformar num pandemônio.

Por fim, prevaleceram as cabeças mais frias, e restaurou-se uma aparência de ordem. Um médico e eu fomos escolhidos como os responsáveis pelo controle da situação. Nossa tarefa era hercúlea: manter a mais elementar disciplina e higiene, cuidar dos doentes, acalmar quem estivesse agitado e tranquilizar os que tinham enlouquecido. Acima de tudo, era nosso dever manter alto o moral do grupo, tarefa

absolutamente impossível, porque estávamos nós mesmos à beira do desespero.

Mil problemas práticos precisavam ser solucionados. A questão da comida era insuportável. Os guardas não tinham nos dado nada e as magras provisões que trazíamos começaram a acabar. Era o terceiro dia. Meu coração pulsava na garganta. Já três dias! Quanto tempo mais? E para onde estávamos sendo levados? O pior de tudo era saber que muitos dos nossos companheiros haviam escondido parte da comida. Ingênuos, acreditavam que seriam postos para trabalhar quando chegássemos ao nosso destino e que precisariam do que tinham para complementar as rações regulares. Por sorte, nossa desgraça abrandava nosso apetite. Mas observávamos uma rápida deterioração na saúde geral do grupo. Os que estavam fracos ou enfermos no início agora sofriam, e mesmo os sadios começavam a enfraquecer.

A cabeça de um guarda da SS apareceu na janela. Sua pistola Luger fez um gesto ameaçador. “Trinta relógios de pulso, agora mesmo. Senão, podem se considerar mortos!”

Ele veio coletar sua primeira “taxa” alemã, e fomos obrigados a lhe entregar objetos de valor em número suficiente para atendê-lo. Foi assim que meu pequeno Thomas precisou se separar do relógio que lhe havíamos dado quando passou para a terceira série do colégio.

“Suas canetas-tinteiro e suas pastas!”

Outra “taxa”.

“Suas joias, e nós lhe daremos um balde de água fresca.”

Um balde de água para noventa e seis seres humanos, dos quais trinta eram crianças pequenas. Aquilo significava apenas algumas gotas para cada um, mas seriam as primeiras em 24 horas.

“Água, água!”, gemeram os doentes, quando o balde foi baixado.

Olhei para Thomas, meu filho caçula. Ele olhava fixo para a água. Como seus lábios estavam secos! Ele se virou e fixou os olhos nos meus. Ele, também, compreendia nosso dilema. Engoliu a saliva, e nada pediu. Não recebeu nada para beber, porque muitos precisavam mais do que ele daquelas preciosas gotas. Sofri por ele, mas também me orgulhei por sua resistência.

Tínhamos agora mais doentes em nosso vagão. Duas pessoas eram atormentadas por úlceras no estômago. Outras duas haviam sido atingidas por erisipela. Muitos estavam sendo torturados por disenteria.

Três crianças estavam deitadas junto à porta. Pareciam quentes e febris. Um dos médicos as examinou e recuou horrorizado. Estavam com escarlatina!

Um calafrio percorreu meu corpo. Naquelas condições, todo o grupo estaria exposto à doença.

Era impossível isolar os pequenos. A única “quarentena” que poderíamos impor seria virar de costas os que estavam mais próximos dos infectados.

A princípio, todos tentavam se manter longe dos doentes para evitar o contágio. Mas, com o tempo, nos tornamos indiferentes a tais perigos.

No segundo dia, um dos principais comerciantes de Cluj sofrera um ataque cardíaco. Seu filho, médico, ajoelhou-se ao seu lado. Sem medicamentos, ele estava impotente, e só pôde assistir ao pai expirar, enquanto o trem chacoalhava.

Morte no vagão! Um suspiro de horror atravessou a comprimida massa de seres humanos.

Religioso, o filho começou a murmurar o tradicional cântico dos enlutados, e muitos juntaram suas vozes à dele.

O trem parou na estação seguinte. A porta se abriu e entrou um soldado da Wehrmacht.

O filho do homem que morrera gritou: “Temos um cadáver entre nós. Meu pai morreu”. “Guardem seu cadáver”, retrucou, com brutalidade. “Logo terão muitos outros!”

Ficamos chocados com sua indiferença. Não muito depois tínhamos mais outros corpos e, ao final de algum tempo, estávamos tão entorpecidos e abalados que não nos importávamos mais.

“Finalmente”, suspirou um marido, ao cerrar as pálpebras de sua adorada esposa que acabara de morrer.

“Meu Deus, que demora!”, lamentou uma mãe, inclinando-se sobre a filha de 18 anos, moribunda.

Estávamos no quinto ou sexto dia da interminável jornada?

O vagão de gado se tornara um abatedouro. Cada vez mais preces pelos mortos eram ouvidas na atmosfera sufocante. Mas os SS não nos permitiam enterrá-los, ou removê-los. Éramos obrigados a conviver com nossos cadáveres. Os mortos, os doentes contagiosos, os que padeciam de enfermidades orgânicas, os sedentos, os famintos e os loucos deveriam viajar juntos naquela geena⁴ de madeira.

No sétimo dia, minha amiga Oily tentou se suicidar tomando veneno. Seus filhos, dois rapazinhos adoráveis, seus pais idosos, que haviam chegado a Cluj como refugiados de Viena, e seu marido, apesar de médico, imploraram ao dr. Lengyel que a salvasse.

Primeiro, ele precisava fazer uma lavagem estomacal na mulher. Para isso, um tubo de borracha era indispensável. Por sorte, se é que se pode dizer isso, desde sua cirurgia meu pai tinha um dispositivo para urinar que continha um tubo de borracha. Para levar o tubo até a pobre Oily, era preciso passar por cima dos doentes em volta.

Depois disso, meu marido teve que ministrar o tratamento num espaço minúsculo, sem os instrumentos adequados e sem luz. Mas o maior problema era a falta de água.

No fundo de alguns cantis e cabaças, ainda havia uma ínfima reserva. Ninguém se ofereceu para compartilhá-la. Foi preciso muita autoridade do meu marido para ordenar que lhe dessem um pouco.

Apesar de todas as circunstâncias negativas, o tratamento foi bem-sucedido e a mulher foi salva. Ao menos, por algum tempo. Infelizmente, no dia seguinte, ela enfrentaria a própria morte.

De vez em quando, no transcorrer daquela viagem infernal, eu tentava me abstrair da realidade, dos mortos, dos moribundos, do fedor e dos horrores. Subia nas malas e olhava pela pequena janela. Contemplava a sedutora paisagem rural do Tatra, as magníficas florestas de abetos, os prados verdejantes, os pastos tranquilos e as casinhas encantadoras. Era como um cenário de anúncio de chocolates suíços. Como tudo parecia irreal!

4. A palavra geena, em hebraico *gehinnom*, refere-se ao inferno ou purgatório judaico, um lugar de purificação para os ímpios, em que a maioria dos castigados permanece até um ano, embora alguns lá fiquem por toda a eternidade. (N.T.)

Duas vezes por dia, os guardas faziam uma checagem. Pensávamos que viriam nos observar bem de perto, pois imaginávamos que eles tivessem dossiês completos sobre nós e estavam prontos para verificar os menores detalhes com o proverbial rigor alemão. Foi apenas mais uma ilusão que estávamos destinados a perder. Eles só se interessavam por nós como grupo e de modo algum se importavam conosco individualmente.

Algumas vezes passamos por estações onde aguardavam comboios militares e hospitalares. Os soldados da Wehrmacht estavam com os ânimos exaltados. Inebriados pela vitória ou exasperados pela derrota, aqueles homens, tanto os sadios como os feridos, expressavam apenas ironia e escárnio pelos pestilentos deportados nos vagões de gado.

Ouvimos os mais rudes e cruéis insultos. Inúmeras vezes eu me perguntei se era mesmo possível que aqueles homens de verde só conhecessem a maldade e o ódio. Em momento algum houve a menor manifestação de simpatia ou compaixão.

E, então, no final do sétimo dia, o vagão da morte parou. Havíamos chegado. Mas onde? Aquilo era uma cidade. E o que fariam conosco?